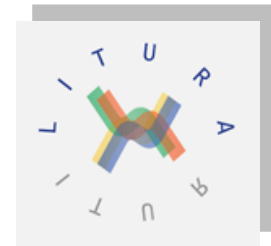


United Symptoms

(ou A felicidade do sintoma: do ideal ao consenso)¹

Marcus André Vieira



Referência:

Vieira, M. A. United Symptoms (ou A felicidade do sintoma: do ideal ao consenso). Disponível em: <http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/united_symptoms_a_felicidade_do_sintom_1.pdf>. Acesso em [\(ao referir-se a este texto coloque aqui a data de acesso\)](#).

Nosso ponto de partida é uma oposição, relativa como devem ser as oposições, entre gozo e Outro. Colocando os dois em tensão, já optamos por ficar com apenas alguns dos aspectos do Outro lacaniano, seu lado digamos mais "cultural" e menos relacionado ao que Lacan por vezes denomina o Outro sexo. Para que não percam tempo definindo os dois, digamos que para nós ela recobrirá (e corrigirá) aquela entre o que Freud chamou pulsão de vida e de morte.

O Outro social é o espaço do que Freud chamou de pulsão de vida. Lembrem-se de que ela não é definida como impulso vital, mas como reino das identidades, sempre coletivas, sempre tendendo à "formação de agregados". No gozo, como forma mais disforme do sexual em nós, impera a pulsão no que ela é louca, desenfreada, mortífera, vontade de mais e mais - como diz Lacan já no título de seu *Seminário 20*, "Mais, ainda".

O que chamamos habitualmente de vida é a articulação entre as duas dimensões. É preciso afastar todos os preconceitos: pulsão de vida na teoria freudiana nada tem a ver com o lado iluminado, do bem etc. Ela é morte se sozinha, pura instituição desabitada, sala vazia. Já a pulsão de morte é vontade de tudo de novo, de eterno recomeço que é pura destruição se não ganhar os contornos que lhe oferece a cultura com seus objetos e limites simbólicos. Assim, se dissociadas, as duas são morte. A vida que levamos só é vida porque feita da mistura delas.²

Proponho uma alegoria para bem sedimentar essas noções. Enquanto uma é o armário, a outra é a cama. Uma é a sede de nossas identidades e conformações corporais, outra é o império da paixão, mas também da loucura, do "perder-se de si". É para ir para cama que usamos nossas roupas, mas se nela ficamos nada mais existirá. O importante é pensar como se articulam.³

É o que nos permitirá abordar o tema do sintoma de forma nova. Se as roupas são as significações e a cama a realidade sexual como furo da significação, a mágica do sintoma será conjugar os dois. Ainda resta pensar: O que faz a ponte? Que coisas vão aparecer nesse espaço para fazer a conexão? Já temos, contudo, uma definição de sintoma que tanto é significação quanto é gozo. É o que inaugura Lacan no *Seminário 10* na seguinte passagem: "Não é essencialmente da natureza do sintoma ter que ser interpretado [...] ele é gozo".⁴ Ele pode ser interpretado, pode ser tomado como mensagem cifrada, é o que faz Freud ao criar a psicanálise. Mas não se deve esquecer de que ele não é necessariamente mensagem e sim um tanto de gozo que pode ser lido.

O sintoma passa a ser um híbrido, feito de um *ser* (as significações dadas em uma história ao sexual) e um *não ser* (o sexual). Este não ser, aqui, porém, é bem mais excesso e presença que falta e ausência, o que nos ajuda bastante nos tempos que correm. Não nos limitaremos mais a dizer que o sintoma é um mal externo, como na medicina e tampouco nos contentaremos com a ideia de que ele é uma mensagem. Ele é um aparato de comunicação entre gozo e Outro.

É esse caminho, inaugurado aqui, que desembocará no sintoma tal como no *Seminário 23*, um artifício, uma montagem. É o que propõe Jacques Alain Miller com base no último ensino de Lacan, especialmente no *Seminário 23, O sintoma*. Essa concepção do sintoma supõe o que ele chama de "forclusão generalizada", que é outro nome para a generalização do "não há relação sexual". Ela se articula com uma teoria do sintoma como aparelho generalizado; ele é sempre uma montagem que constitui uma suplência da relação que não existe. Ao mesmo tempo, tudo o que desempenhar esse papel será definido como sintoma. Finalmente, se consideramos que tudo o que fizer suplência tem a mesma estrutura do delírio na psicose, pode-se chamar essa teoria do sintoma generalizado de "clínica universal do delírio", desde que fique bem claro que "delírio" aqui não é sinônimo do delírio da psiquiatria ou do DSM, mas sinônimo de suplência.⁵

Mas o que é suplência? Em outros termos, o que pode fazer relação quando não há relação natural nem entre os sexos, nem entre o eu e seu corpo/gozo? Voltemos para cama. Na cama não há relação. Não há relação entre homem e mulher na cama porque lá não há homem nem mulher. É o que diz o aforismo: não há relação sexual. Mas o célebre aforismo lacaniano poderia ser prolongado da seguinte maneira: "não relação sexual, apenas relação social".

A relação entre homem e mulher está definida no Outro, no armário. O armário é o espaço relacional que só se articula ao sexual por uma cola, uma construção. Cada um constrói como pode suas relações a partir das orientações coletivas, do Outro sobre como se deve entrar em contato com a diferença sexual. É claro que entrará em ação igualmente o material em que se constituem as marcas particulares deixadas em alguém pelos acontecimentos de sua vida. A montagem entre o singular da experiência de cada um e o universal das propostas relacionais do Outro é o que caracteriza o sintoma. Ele terá um tanto de singular e um tanto de universal.

O Pai é o nome da montagem sintomática que oferecida pelo Outro clássico. Ele diria algo como "Você não sabe o que fazer com o gozo? Seus problemas acabaram, siga meu manual". Para os que tivessem dificuldades, ou porque não sabiam onde estaria esse manual, ou porque questionavam alguns de seus métodos, a orientação era sempre a mesma: "Segura na mão de Deus e vai...". A fé no fato de que alguém neste caos sabe o caminho já funciona por si só — aliás, é justamente porque ela é algo não totalmente definido em termos de preceitos que havia algo possível de transgressão.

Há uma diferença entre o sintoma no campo da neurose clássica e nossos sintomas. O sintoma clássico ocorria porque, apesar de a crença no Pai validar (antes de verbos no infinitivo, separamos a preposição do artigo) as roupas oferecidas pelo Outro, havia sempre um resto a significar. Algo do gozo

sobrava, não entrava totalmente nas roupas, mais cedo ou mais tarde era preciso improvisar. Como Mario Sá Carneiro: "Eu não sou eu nem sou o outro; Sou qualquer coisa de intermédio; Pilar da ponte de tédio; Que vai de mim para o Outro". Esse é um neurótico que conseguiu nomear o vazio de saber sobre o gozo, chamando-o de tédio. Ele inventa uma suplência poética ao colocar o tédio no ponto do sintoma, no qual outros situariam, por exemplo, a cara metade.

O Sintoma-pai era a crença em um poder maior, que fazia a cola. E agora? As prescrições do Outro não têm mais a margem de manobra que um ato de fé permite. Um dos modos mais difundidos de garantir a relação agora é uma lista fixa de roupas para o ato sexual. Ninguém fica totalmente nu na cama, senão é a morte. Contudo, se antes apagava-se a luz com a fé paterna e "seja o que Deus quiser", agora estamos todos com a luz acesa, mas precisamos estar cem por cento de acordo com o figurino, senão é o caos.

Não é o que se diz a respeito do sintoma, que ele está virando traço identitário? Eu *sou* um compulsivo sexual, ou *sou* alcoolista, ou seja, meu gozo passa a ser minha roupa. Passo a me comportar de maneira fixa em todo lugar, inclusive na cama, a partir desse sintoma. O sintoma é hoje a marca de um gozo enquadrado, de uma felicidade socialmente estipulada.

O que é o tema da "redução de danos" tão dominante no tratamento das drogadições senão isso?⁶ Ninguém mais propõe acabar com o sintoma, já que se acabarmos com ele não sobra mais nada. Em outras palavras. Se você é louco, torne-se louco "assumido". Assumir significa, aqui, um gozo codificado de tal forma que não atrapalhe a ordem pública. Troque o gozo da drogadição pelo gozo da identidade que ela lhe dá. Chega-se ao cúmulo de encontrar alcoolistas que nunca beberam, que adotaram a identidade sem nem mesmo passar pelo comportamento. Tudo isso faz com que os Estados Unidos, sempre nosso paradigma para a pós-modernidade, possam ser chamados por J. A. Miller de *United Symptoms of América*.⁷

O gozo excedente que anteriormente ficava escondido hoje vira identidade, referência. O que são, por exemplo, as comunidades do Orkut, se não uma espécie de reunião pelo sintoma? "Eu penso com a geladeira aberta", "eu leio rótulo de shampoo no chuveiro", são exemplos. São comportamentos que não serviam antigamente para nada ("o que não serve para nada" é a definição de gozo para Lacan que figura na abertura do Seminário 20), eram vazios de significado, impedimentos para o bom funcionamento do cidadão ideal, por isso eram em si sintomas. Hoje, sem o parâmetro do ideal, a definição de sintoma mudou. Esses comportamentos não são mais males a serem combatidos, mas modos de ser a serem identificados. Isso que classicamente era lateral é tornado central em uma identidade. Um sintoma só se torna patológico por excesso. Tudo é aceito desde que não excessivamente, desde que aceite ser incluído na democracia universal do gozo: todos têm direito a existir, todos têm direito a gozar e serem gozados, desde que todos respeitem os direitos do ir e vir e do votar e ser votado. Se antes tínhamos a felicidade do ideal, agora temos a felicidade do consenso.

O que fazia a psicanálise? Ela buscava os sintomas clássicos e os desemaranhava para que mostrassem um pouco de seu gozo. Fazendo isso, afrouxavam-se as roupas que lhes eram impostas pelo modelito paterno. Mas

as imposições de ontem nem se comparam com as de hoje. O único espaço de manobra de hoje é a “customização”. É só olhar a lista de comunidades do Facebook ou do Orkut: “dize-me quais são tuas comunidades que te direi quem és”. Parece bem plástico, mas a cada comunidade, só posso ser aquilo que todos são. Num grupo de ajuda mútua, como o Alcoólicos Anônimos, por exemplo, me é proibido ser único em meu modo de beber; paradoxalmente, devo apenas trocá-lo por um modo de beber único, o do alcoolista, com o ganho de um gozo a mais, o de poder, então, exibir publicamente o modo de gozo “alcoolista” e minha conversão à abstinência. A lista de comunidades, de fato uma lista de modos de gozo, de sintomas, em nossos termos, é rígida, mas a lista deles pode variar conforme o freguês, e mesmo no DSM sob o termo co-morbidade.

Apesar do sintoma hoje ser um gozo codificado, apesar de ele silenciar seu valor de verdade subjetiva e de singularidade, talvez ainda seja possível nele produzir um furo. Desde que isso seja feito na situação controlada que é uma análise, pode-se suportar um pouco da angústia de estar na cama sem pai, nem mãe, nem vizinho. Pelo espaço da falta ao ser que a transferência sustenta, talvez possamos agir sobre o sintoma. A partir daí, muitas vezes é possível resgatar os nomes do desconhecido na história de cada um e ir da depressão geral para a tristeza de um sujeito, ou do prazer compulsivo à felicidade de um só – episódica talvez, mas cheia de uma certeza própria. Tenho chamado isso de *singularização do sintoma*.⁸ Nem sempre é fácil, mas o importante é destacar que isso pode ser feito. O sintoma é feito de gozo, embora sempre com um pouco de palavra (roupa). Apoiando-nos nela, no que a palavra tem de ambiguidade e de “algo mais”, podemos, com um pouco de sorte, abrir o sintoma e seu “portador” à dimensão da verdade.

¹ Este texto retoma parte da segunda aula do curso Sintoma e Invenção, do ICP-RJ, realizado no Instituto Philippe Pinel no dia 3 de abril de 2008 (transcrição por Leandro Reis), uma primeira versão foi publicada on-line no Boletim preparatório do XVIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano com o título “United Symptoms” e na revista *Apalavra*, vol. 2, Goiânia, EBP-DG, novembro de 2010, pp. 17-22.

² O que se lê em Freud, em 1925, como a diferença entre o indivíduo e a espécie. A cada vez que há ato sexual, o indivíduo se eclipsa, ele morre para dar lugar e passagem ao germe imortal da espécie (“Além do princípio do prazer”, *ESB*, vol. XXIV, p. 65 e “A pulsão e seus destinos”, *ESB*, vol. XIV, p. 145).

³ Esta alegoria foi desenvolvida neste seminário a partir da canção eu te amo de Chico Buarque.

⁴ Cf. Lacan, J., *O Seminário, livro 10 – A angústia*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 140.

⁵ Cf. Cf. Miller, J. A. “Esquizofrenia y paranoia”, *Psicosis y Psicoanálisis*, Buenos Aires, Manatíal, 1985; “Clínica irônica”, *Matemas*, JZE, 1996, pp. 190-200, *La conversation d’Archachon*, Paris, Seuil, 1998. Para o que desenvolvemos sobre o sintoma: Miller, J. A. “Teoria do parceiro”, *Os circuitos do desejo*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

⁶ Cf. Laurent, Como engolir a pílula? Belo Horizonte, Clique n. 1,

⁷ Miller, J. A. *El outro que no existe y sus comités de ética*, Buenos Aires, Paidós, 2005, p. 17.

⁸ Cf. Vieira, M. A. A hipermodernidade lacaniana, *Latusa*, vol. 11, pp. 13-24, Rio de Janeiro, EBP-Rio, 2006.